

‘Quadros Sociais de Memória’ na FAMEB. Cientificismo e civilização**Tânia Regina Braga Torreão SÁ*****Lívia Diana Rocha MAGALHÃES****

Resumo: Este artigo apresenta os quadros sociais de memória que se organizaram na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) e que estão expostos nas theses doutorais¹, escritas pelos candidatos ao título de Doutor em Medicina da referida instituição. O conceito de quadros sociais de memória serviu de lastro para fundamentar o debate segundo o qual, a (re)produção da sociedade soteropolitana é garantida pela constituição de uma coesão social que se organiza em torno de uma ideologia de mundo correspondente ao processo civilizatório, particularmente imanente no século XIX. Segundo a visão halbwachiana ademais, os indivíduos e seus grupos sociais adquirem as bases morais e materiais de seus modos de pensar e de construção ou reconstrução do passado, a favor de um dado presente.

Palavras-chave: Quadros Sociais de Memória. Cientificismo. Civilização. Salvador.

‘Social Frames Memory’ in FAMEB . Scientificism and civilization

Abstract: This article presents the social tables of memory that were organized in the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB) and that are exposed in theses doctoral studies, written by the candidates for the title of Doctor of Medicine of that institution. The concept of social frameworks of memory served as a basis for the debate that the (re) production of soteropolitan society is guaranteed by the constitution of a social cohesion that is organized around a world ideology corresponding to the civilizing process, particularly Immanent in the nineteenth century. According to the Halbwachian view in addition, individuals and their social groups acquire the moral and material bases of their ways of thinking and of construction or reconstruction of the past, in favor of a given present.

Keywords: **Social Memory Boards. Cientificism. Civilization. Salvador.**

* Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pelo Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB) – Docente Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras/UESB – Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho s/n. Jequiezinho, Jequié Bahia, CEP 45.206-510 – E-mail: taniatorreao68@hotmail.com.

** Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (FE/UNICAMP). Coordenadora do PPGMLS/UESB – Estrada do Bem Querere, Km 4, Vitória da Conquista CEP 45083900 – E-mail: lrochamagalhaes@gmail.com.

Neste artigo apresentamos reflexões sobre as maneiras pelas quais o pensamento científico, expresso a partir das theses doutorais escritas pelos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), transforma-se num meio de promoção apologética da ideologia do cientificismo e do projeto civilizacional, além de terem representado, também, um instrumento para forjar a aceitação sobre uma concepção de modernidade profundamente comprometida com a retirada da cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX do perfil colonial e atrasado.

No empenho de realizar tal análise, primeiramente revisaremos o conceito de quadros sociais de memória, cunhado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs na obra *Los cuadros sociales de memoria*, publicada em 1925, visando compreender o papel que os agentes componentes desses quadros sociais de memória desempenham na construção das ideias sobre regulamentação social, educação e desenvolvimento soteropolitanos.

Em tempo, debateremos também a importância das theses doutorais enquanto expressão concreta dos quadros sociais de memória existentes na instituição. E, ainda, dentro do propósito analítico, buscaremos expor os entrecruzamentos teóricos que têm o objetivo de expor a articulação entre o cientificismo e a ideia de civilização, tomados enquanto expressão ideologizada da manifestação dos interesses que procuraram instaurar modificações estruturantes na cidade de Salvador, espaço que, naquele momento, não queria mais ser identificado como colonial, tomado por uma selva luxuriante, exótico e atrasado.

No empenho de consubstanciar nossas argumentações, apresentaremos aquilo que as theses doutorais escritas pelos candidatos a Doutor em Medicina pela FAMEB, explicitam como “a mesma coisa daquilo que é a reflexão” (JIMICA, 2014, p. 5). Isto é, exporemos as reflexões imediatas desses profissionais da saúde sobre a ciência e a civilização que, quando retornadas ou envolvidas em si mesmas, são subordinadas às mais sensíveis alterações.

Nosso propósito é, por essa razão, evidenciar os processos que sancionaram a existência do relacionamento entre o processo civilizacional e a ordem capitalista que estava sendo forjada na cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX. Para fazer isso, recorreremos aos dois conceitos fundamentais – cientificismo e civilização – já mencionados nesse mesmo parágrafo, pois avaliamos que ambos compõem um escopo de ideias que sugerimos serem capazes de fundamentar a representação de aspectos e ligações necessárias, que funcionaram com interdependência e correlação entre os quadros sociais de memória, o cientificismo e a civilização.

Como resultado dessas explanações e reflexões, o que esperamos pôr em evidência é a importância da ideologia enquanto categoria norteadora das ideias *científicas* e do

processo civilizatório. Ademais, por meio do uso da categoria ideologia, o que esperamos testificar é que, apesar do caráter teleológico e tautológico dos discursos que são expostos por meio das theses doutorais, escritas pelos candidatos a Doutor em Medicina pela FAMEB, subsumidos dentro dessas, resistem outros discursos que ensejam alavancar a necessidade de regulamentação, moralização, educação e desenvolvimento de toda a sociedade soteropolitana. Regulamentação, moralização, educação e desenvolvimento que visavam romper com as formas prototípicas de capital, comércio e usura e, definitivamente, inserir a cidade de Salvador dentro dos paradigmas mais próximos do capitalismo mercantilizado.

Começaremos, então, o debate pela conceituação de quadros sociais de memória.

Quadros sociais de memória

O conceito de quadros sociais de memória foi cunhado por Halbwachs na obra *Los cuadros sociales de memoria*, publicada em 1925. Nesse livro, o autor oferece uma interpretação sobre a memória social e coletiva, e até explicita que ambas se amparam em espaços e tempo correspondentes, a dadas produções mentais que exercem força apologética e ideológica, sobre as consciências sociais.

Halbwachs, ao considerar os quadros sociais da memória enquanto campo epistemológico distinto, suscita a questão da presença do “outro genérico” em nossa percepção da realidade. Nessa compreensão, não apenas a copresença dos sujeitos é tomada como pré-requisito de constituição de identidade. A identidade individual dos sujeitos mesmo é constituída por referenciais coletivos, de modo que o passado só aparece a partir de estruturas ou configurações sociais do presente. Para Halbwachs, embora as memórias pareçam ser exclusivamente individuais, elas se constituem em “peças” que compõem um contexto social, o qual contém as lembranças de todos nós e dos outros.

Desde a obra supramencionada, então, Halbwachs afirma que nossas memórias vão se constituindo pela via da nossa participação como membros de grupos sociais determinados. Para ele, é neste processo que utilizamos as convenções sociais disponíveis a nós. Halbwachs considera, ainda, que indivíduos não lembram por eles mesmos, ou seja, as lembranças que pertencem a eles são também atinentes à sociedade que as confirma ou as refuta. Ademais, ao ressaltar o caráter social da memória coletiva e explicar que nem mesmo as memórias mais íntimas podem ser pensadas em termos exclusivamente individuais, Halbwachs enfatiza tanto o caráter social quanto interativo da memória. Para ele, também, a memória ampara-se na vida material e moral da sociedade em que vivemos.

Fiel ao conceito de representação coletiva *durkheimiano*, Halbwachs não pensa quadros sociais de memória como um somatório de representações individuais. Apesar da concreticidade ou objetividade atribuída muitas vezes a esses quadros sociais, o trabalho *halbwachiano* parece querer enfatizar que a percepção sobre a memória não pode ser considerada o ponto de partida, porque ela nunca parte do vazio. A memória coletiva estaria relacionada aos valores, às visões de mundo dos grupos sociais de memória, daí Halbwachs considerar que ela é adquirida à medida que o indivíduo toma como suas as lembranças do grupo com ao qual se relaciona. É essa dinâmica que incita, aliás, o processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo, em interação com outros indivíduos.

Pelo estudo dos quadros sociais de memória, Halbwachs demonstra estar à procura de uma alternativa não só para a abordagem filosófica de Henri Bergson em *Matéria e memória* (1999) como também procurava incorporar algumas contribuições de alguns dos principais pensadores de sua época – Sigmund Freud, em *Obras psicológicas completas* (1896a e 1896b, 1898, 1899, 1901, 1914, 1921 e 1925); William James, em seu livro *O pragmatismo: um nome novo para algumas formas antigas de pensar* (1907); Marcel Proust, nas obras *Em busca do tempo perdido* (1913) e *No caminho de Swann* (1913) e James Joyce, em *Ulisses* (1922) – que estavam todos, à sua maneira, voltados para promover o debate da memória como campo epistemológico.

Fiel ao conceito de representação coletiva *durkheimiano*, então, Halbwachs parece pensar nos quadros sociais de memória do grupo de acadêmicos da FAMEB não enquanto mosaico estruturado com base em representações individuais, que compõem a colcha de tessituras temporo-espaciais. Antes ele pensava que os quadros sociais de memória reproduziriam o que se vê na realidade concreta, em um período em que o ensejo de movimento, progresso e civilização, parecia dar a tônica de tudo o que dizia respeito às mudanças positivas na sociedade soteropolitana. Em última análise também, Halbwachs parece compreender que esses quadros expõem ancoragens, lastros que seus autores tomam de empréstimo das metateorias do positivismo e do evolucionismo, relacionando-as com os *savants positifs*², cuja inspiração vinha do homem europeu, a quem a classe *científica* brasileira e baiana procurava imitar.

No papel de admirador e discípulo de Emile Durkheim (1858-1917) Halbwachs sempre deu destaque aos aspectos sociais em suas análises, compreendendo que as ações que compõem os quadros sociais de memória, retomam as questões de autonomia e dependência atribuídas aos agentes sociais, além de pôr em relevo, também, os processos de construção de memórias coletivas, sendo por esse aspecto que recorremos a ele para entender por que, acerca do grupo de candidatos ao título de Doutor em Medicina pela

FAMEB, podemos dizer que eles formam quadros sociais de memória, articulados e razoavelmente coesos, comprometidos com um processo civilizatório cuja finalidade é inserir a ‘cidade da Baía’ de meados do século XIX e início do século XX na modernidade.

E em que pese o empenho de Halbwachs em analisar a sociedade por uma perspectiva de cunho funcionalista, as ideias *halbwachianas* abrem caminhos que nos possibilitaram pensar hoje, a convivência e simultaneidade entre experiências associadas a períodos históricos distintos. Assumindo, então, uma visão distante da perspectiva a-histórica com que seu trabalho foi erroneamente categorizado, o legado *halbwachiano* oferece, sobretudo, uma percepção dos limites no processo de construção de novas identidades coletivas que nos tornam capazes de considerá-las não-essencialistas e eticamente responsáveis por legados de opressão e esquecimento, que podem estar ausentes tanto do discurso deixado por gerações passadas, quanto de movimentos sociais atuantes no presente.

Apresentando os quadros sociais de memória na FAMEB

Concordando com Halbwachs, que ancora a sua compreensão acerca dos quadros sociais de memória nas categorias tempo e espaço, Jörn Seemann no artigo *O espaço da memória, a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas* (2002) argumenta que, embora a memória, inicialmente, possa ser vista como algo que se constitui internamente: a memória não prescinde de tempo e espaço para ser ativada. E, neste sentido, lugares concretos, tais como a FAMEB podem ser vistos como importantes, pois nele se realizam eventos, acontecimentos, a vida se realiza. Em espaços como a FAMEB acontecimentos históricos ou práticas cotidianas podem servir como referenciais espaciais para a memória. Começemos por apresentá-la, então.

A FAMEB, primeira instituição de ensino superior fundada no Brasil, foi criada no ano de 1808 a pedido de José Corrêa Picanço (1745-1823), pernambucano, cirurgião da Real Câmara do Brasil e lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Tendo assumido a função de membro da corte portuguesa, Picanço retornou ao país em 1808. Neste mesmo ano, o Imperador D. João VI, atendendo a seu pedido, fundou em Salvador, a Escola de Cirurgia da Bahia que mais tarde viria a se chamar FAMEB³.

A fundação da FAMEB se deu por meio da decisão régia de 18 de fevereiro de 1808 (BRASIL, 1891)⁴, que foi encaminhada ao então Governador e Capitão General da Capitania da Bahia, Sr. Fernando José de Portugal. Nesta época, a referida Escola foi sediada no Hospital Real Militar da Bahia (1799) e instalada no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas da

Bahia (CJB) no Largo Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador. Depois, foi transferida para a Praça 15 de novembro, no mesmo largo em que está instalada até hoje.

Desde o ano de sua fundação, a FAMEB reuniu “a elite intelectual” soteropolitana. Autores como Lília Moritz Schwarcz (1993), a respeito da formação de quadros sociais de memória dentro da instituição, argumentam que, desde o ano 1870, a FAMEB congregava profissionais que não estavam somente em busca de reconhecimento social, mas buscavam o ambiente necessário para o início de uma discussão mais independente e que se desvinculava aos poucos dos setores hegemônicos vinculados às elites agrárias.

Longe de formarem quadros sociais de memória coesos, no entanto, os cientistas da FAMEB se dividiam em dois grupos majoritariamente: um grupo que representava a maioria e que militava em prol de um cientificismo eclético e difuso, pouco comprometido com o método experimental. E outro grupo, que se associava à *Gazeta Médica da Bahia* (GMB)⁵, defendendo o emprego mais rigoroso de tal método e, portanto, dos procedimentos científicos mais rigorosos.

A contiguidade desses dois grupos, no entanto, não era de todo inexistente. Pelo contrário, apesar do pouco estreitamento do relacionamento entre ambos, alguma aproximação lhes era conferida pela via de utilização do jargão científico, que legava a esses profissionais certa autoridade para discutir e apontar os impasses e as perspectivas que se apresentavam para o progresso do país. Sim, porque menos interessados em legar questões acerca da salubridade à população soteropolitana, nesse tempo, ambos os grupos sociais de memória que se organizaram na FAMEB demonstravam estar mais interessados em impor uma ordem social nova, baseada no conhecimento que orientava a sua formação: a modernidade, o capitalismo mercantilizado.

Somado ao contratempo das disputas internas dos grupos opositores que se organizaram dentro da instituição, havia ainda a insuficiência numérica das entidades científicas no Brasil, dificultando o estabelecimento de parâmetros balizadores da produção do conhecimento científico. É tentando lidar com isso que, os médicos da FAMEB procuraram estabelecer intercâmbios com espaços considerados mais avançados no reconhecimento à importância do saber científico. Ademais, graças a essa dificuldade também, os acadêmicos da FAMEB acabaram se expondo a uma significativa polivalência teórica que repercutia, até mesmo numa adesão maior aos grupos vinculados ao ecletismo científico, como dissemos anteriormente, menos comprometidos com os rigores necessários à investigação científica.

E, de tal modo, o esforço de complementar a formação dos médicos era presente na FAMEB que, tornou-se uma prática comum a realização de viagens para países como Portugal e França. Quem dispunha de menos recursos, no entanto, buscava capacitação

junto aos profissionais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ), fundada no mesmo ano que academia baiana e que, a partir da reforma procedida em 1856, distanciou a sua matriz curricular da medicina praticada na FAMEB por considerar a orientação doutrinária da academia baiana muito imprecisa e anticientífica (CARVALHO, 2012).

Assim foi que, passamos a compreender as theses doutorais que analisamos – a saber: *Ensaio de estatística médica da cidade de São Salvador, capital da província da Bahia*, de autoria de Aprígio Ramos Proença, publicada em 1852; *Influência dos climas sobre a inteligência humana*, de autoria de João Carlos Balthasar da Silveira, publicada em 1874; *Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*, de autoria de Deodoro Alvares Soares, publicada em 1899; *Influência da prostituição sobre a sociedade actual*, de autoria de Angelo de Lima Godinho Filho, publicada no ano 1909 e; *Da inconveniência da liberdade ilimitada no exercício da prostituição*, de autoria de Antônio Joaquim de Sampaio e publicada em 1912 – enquanto produtos das determinações históricas da época, da sociedade em que estavam inseridas. Também estamos considerando que elas figurem enquanto ‘recursos de memória’ (MONTESPERELLI, 2004), ou seja, recursos que resultavam do esforço dos cientistas médicos da FAMEB para reconstruir a cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX.

Essas theses doutorais apresentavam, portanto, quadros historiográficos, espaciais, políticos, econômicos e, sobretudo, memoriais e ideológicos que nos permitem expor as polarizações dinâmicas que orientaram os comportamentos sociais e coletivos dos agentes que deveriam definir um padrão civilizatório na cidade, naquele período específico.

Assim sendo, poderíamos dizer que elas se destacam enquanto elementos cruciais para explicar os padrões de progresso e civilização que foram impostos na cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX e, por essa razão, não se pode alegar que a produção *científica* criada na FAMEB se situe como elemento exótico ou anacrônico àquela realidade. Supomos que elas funcionaram enquanto recursos dinâmicos e propulsores de uma intencionalidade ideológica, que embora “[...] tolhidas aqui ou deformadas ali, se convertem no ‘fermento histórico’ do comportamento social civilizado [...]”, e que em curto prazo “[...] alimentaram e orientaram as opções que delinearam, nos planos ideológico e utópico, os ideais de organização do Estado Nacional [...]” (FERNANDES, 1975, p. 51).

Quadros sociais de memória na FAMEB: ecletismo x experimentação

Os estudos pioneiros sobre a medicina baiana foram escritos quase exclusivamente por médicos que, pelo visto, visavam estabelecer não somente uma memória gloriosa do

passado, mas também buscavam impor outro destino, o “destino moderno” para a cidade de Salvador de meados do século XIX até o início do século XX. Nesses estudos, os candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB defendiam que o saber científico poderia conduzir a celebração do processo civilizatório, revelador de um tipo de modernidade capaz de romper com as antigas formas de capitalismo existentes.

Nas theses doutorais, portanto, fatos, personagens, instituições do passado são tornados especiais para a promoção de um tipo de narrativa que pretendia estabelecer o contraste entre “o velho” (representado pela religião católica e o anacrônico modo de vida colonial) e o “novo” (representado pelo conhecimento científico, que encarna uma concepção ao mesmo tempo positivista e determinista da sociedade soteropolitana). Esse dualismo epistemológico e interpretativo deixava transparecer um ecletismo que flertava com o misticismo religioso, apesar de, em termos discursivos, os candidatos ao título de Doutor em Medicina propalarem um apego incondicional à ciência.

Tal esquema teleológico, em nosso entendimento, apoiava-se na armadilha representada pela noção hipostática⁶ de precursores, no caso os colonizadores, espíritos tidos como clarividentes e que agiam paradoxalmente, instando ao mesmo tempo uma percepção tradicionalista da religião e uma visão dogmática da ciência. O apelo em prol da supressão de importância da religião – católica, especialmente – pelo conhecimento científico foi justificada em vista da religião católica impor limites ao desenvolvimento capitalista, processo explicado por Jacques Le Goff no livro *A idade média e o dinheiro* (2014).

O embargo posto à configuração de uma memória puramente científica na medicina baiana conduziu os médicos da FAMEB a se dedicarem aos aspectos mais superficiais dessa profissão. As instituições como a Academia baiana, nesse sentido, se transformaram em postos de observação prioritários dos literatos, e não de cientistas, como muitos presumiam que deveria ser uma instituição científica. Esse desvirtuamento de características é relevante na medida em que ajuda a compreender por que, nas theses doutorais, os seus autores investem num texto pleonástico e ao mesmo tempo prenhe de irradiações que escaparam, até mesmo dos temas da medicina. Nas theses doutorais, os médicos discutem temas como o ciúme, a luxúria, a preguiça, a dança, o celibato dos padres, o comportamento adequado nos bailes e outros assuntos distantes do tema da saúde, evidenciando o seu apego pelo ecletismo supracitado.

Para Flávio Coelho Edler (2011), a opção pelo ecletismo científico expressava a fabricação de tradições, filiações e genealogias vinculadas com um passado médico idealizado em termos de uma progressiva afirmação de valores e práticas científicas, bem como expressava a criação de uma mitologia que reforçava a “natural” identidade da

medicina como arte liberal, sacerdócio, etc. e, portanto, alienada da crítica a própria *práxis* médica real, promotora de diagnósticos mais precisos em relação às doenças.

Esse modo, ao mesmo tempo alienado e eclético de praticar a ciência, tem estreita correlação com a maneira pela qual os médicos daquele período percebiam sua inscrição num mundo que experimentava um franco processo de mudanças, sobretudo, relacionadas com a estratificação de classes.

Outra análise, que colabora para entendermos as razões que levaram ao sucesso do engenho eclético na medicina baiana, exige que seja adotada uma periodização. Nessa periodização, as theses doutorais da FAMEB aparecem como uma complexa trama de teorias etiológicas e práticas curativas e terapêuticas de onde se abstrai uma dicotomia entre espíritos presos a especulações metafísicas, retóricos e anticientíficos *versus* espíritos científicos. O saber médico dominante, nesse sentido, estaria supostamente fundado no antigo paradigma galênico⁷, ou em variantes neo-hipocráticas apresentadas como um conjunto eclético de conhecimentos acumulados sobre fenômenos mórbidos e vitais. Tal saber foi avaliado como um amálgama de preconceitos difusos de cunho irracional e dogmático. Os médicos da FAMEB, nessa perspectiva, manifestariam especial aversão à observação metódica e à experimentação científica, pois que se encontravam sumariamente apegos a tais conhecimentos.

Entretanto, o engenho bem sucedido do ecletismo não durou para sempre. A “virada” de uma etapa predominantemente especulativa do saber médico oficial, para outra etapa, a etapa verdadeiramente científica, fundada em “fatos positivos” e no método experimental é discutida na obra de Lycurgo Santos Filho. No livro *História geral da medicina brasileira* (1977), Santos Filho dedica um capítulo inteiro à medicina do século XIX, chamada por ele de fase “pré-científica”.

Nesse texto, o autor procura ainda demarcar a ruptura na evolução do saber médico, evidenciando que os ecletistas e os “cientistas de fato” foram colocados em lados opostos da disputa: de um lado ficaram os médicos que defendiam uma visão universalista da responsabilidade médica, e de outro ficaram aqueles que se posicionavam favoráveis às etiologias assepsistas e ambientalistas e rejeitavam as etiologias parasitárias, em especial a teoria *pasteuriana* das doenças⁸.

Como prova da paradoxal “negação ao científico” e, ao mesmo tempo, da sua “aceitação”, alguns autores indicam o ascetismo construído em torno da figura do médico Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906). Nessa mística, ao tempo em que Nina Rodrigues é considerado um herói dentro da FAMEB, por seu esforço em prol da criação de um laboratório de Medicina Legal, ele também é considerado pelos helmintologistas

pejorativamente, como um “espírito dogmático”, “positivista adepto da Religião da Humanidade”, “inimigo da razão civilizadora”, um “viúvo da velha ordem monárquica”.

Outra prova referida ao conflito entre a visão eclética e científica se expressa pela via da refutação e desconfiança em relação aos trabalhos escritos pelo Dr. Otto Wucherer (1820-1873), na GMB, que evidenciavam a helmintologia médica. Verdadeiro *tour de force* foi feito por memorialistas, que se empenharam em salvar do naufrágio histórico alguns dos mais célebres médicos do Império, médicos esses que se atreveram a questionar os seguidores da teoria microbiana das doenças (NAVA, 2003).

Apesar de todos esses conflitos, o que se afigura é que, com exceção da aparência de harmonização de conteúdos, princípios, teorias e métodos tratados dentro da FAMEB, resiste dentro dessa instituição o contradiscurso que não deixa de colocar em xeque duas orientações teóricas majoritárias: o ecletismo médico x o conhecimento científico.

Uma parte significativa da produção acadêmica atual, embora aceite formalmente as narrativas históricas estruturadas nos quadros sociais de memória acima delineados, encontrou dificuldade para se desvencilhar da herança das metateorias que são inerentes aos critérios de periodização dos estudos pioneiros. Madel Terezinha Luz (1982) e Nancy Stepan (1976), há exemplo, autoras que tiveram uma influência renovadora nos estudos sobre nosso passado médico, embora tenham estabelecido orientações teóricas distintas em suas investigações, aceitaram tacitamente a ideia de que houve um momento de ruptura com os valores e práticas “anticientíficas” herdados da medicina do Império. Assim, ao tempo em que Stepan (1976) explora os movimentos eugênicos Brasil, ressaltando que suas diferentes tradições do pensamento científico, político e cultural permitem uma análise comparativa, Luz (1982), em seu livro sobre a *Medicina e a ordem política brasileira*, desenvolve uma interpretação bastante controvertida sobre a dinâmica entre as instituições culturais e os saberes médicos no II Reinado.

Luz (1982), partindo de uma perspectiva construtivista radical, irá sustentar que os modelos científicos reproduzidos pelas instituições do Império vinculavam-se funcionalmente à origem social e às referências políticas dos movimentos que se organizavam em torno da questão da saúde. A partir de um marco teórico inspirado na obra clássica de George Rosen (1910-1977), em Michel Foucault (1926-1984) e na leitura de Antônio Gramsci (1891-1937) Luz argumenta que as instituições médicas como a FAMEB são portadoras de projetos antagônicos de política assepsista⁹, que expressariam uma clivagem de interesses entre as classes sociais dominantes locais e globais. A categoria de intelectual orgânico permitindo-lhe estabelecer vínculos estruturais entre os projetos de política realizada pelos médicos assepsistas e os interesses sociais dominantes.

O que Luz (1982) parece querer dizer com isso é que, apesar de articularem de maneiras diversas as ideologias sobre a regulamentação social, desenvolvimento, educação, ciência e processo civilizatório os discursos opostos pareciam estar unidos em torno da preocupação de construir uma “verdadeira nacionalidade”. Os esforços da maioria dos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB, podendo ser interpretados como um engenho em prol da superação da heterogeneidade de um modelo de desenvolvimento limitado, sobretudo, por questões morais religiosas.

A história das teses assepsistas abordadas por Luz (1982), sob esse ponto de vista, reforça uma visão contextualizadora, marcada pelas concepções da nova história social da ciência. Sua orientação possibilita compreender como os elementos culturais e as tradições intelectuais locais tornaram-se parte constituinte indispensável das teorias científicas na FAMEB, além de permitir apreender as teses doutorais como um conhecimento científico e social estreitamente conformado pelos fatores particulares das sociedades em que emergiram. A utilização dessa abordagem teórica evidencia ainda a imensa autoridade social que a ciência exerce na ‘cidade da Baía’ de meados do século XIX e início do século XX, a maneira pela qual ela produz percepções e as técnicas capazes de conformar interpretações culturais e levar ao desenvolvimento de diversas estratégias sociais.

Tomando como assertivas as palavras da autora e pensando na realidade da FAMEB, asseveramos que tal instituição não pode ser vista como uma consumidora de ideias, conforme os estudiosos da memória intelectual procuraram reforçar por muito tempo. Em nossa compreensão, isso é questionável, porque, se assim fosse, deixaríamos de considerar “[...] o modo como as ideias passam a fazer parte do complexo tecido da vida político-social [...]” (LUZ, 1982, p. 11). Em nossa compreensão, apesar da ciência ter penetrado na FAMEB, inicialmente como uma moda imitativa das ideias estrangeiras que se reproduziram em um contexto estranho ou não científico, o quê de originalidade que as teses doutorais expressam é uma espécie de conhecimento produzido e conformado pelas variáveis culturais peculiares à região.

Valendo-nos, então, do entendimento de que o preconceito em relação às instituições científicas como a FAMEB é inerente ao projeto de estudar “[...] um ponto na história do Brasil onde tivesse ocorrido algum rompimento com a indiferença tradicional pela ciência, e no qual a ciência começou a ser investigada com certo grau de sucesso [...]” (STEPAN, 1976, p.19), neste trabalho, procuramos apresentar um esboço do ecletismo que dominava as visões sobre a saúde pública na ‘cidade da baía’ do século XIX, e que serve como contraponto à análise das ações transformadoras dos médicos-cientistas e sanitaristas durante a chamada República Velha.

O esquema proposto interpreta as teorias assepsistas, tal como aparecem nas theses doutorais, então, podem ser consideradas hegemônicas para os aparelhos ideológicos do Estado, posto que ligadas aos interesses escravistas do capital agroexportador e do liberalismo econômico, as análises dos seus autores acabaram por revelar a posição subalterna da burguesia industrial baiana a que estes médicos intelectuais-orgânicos estariam vinculados.

A caracterização de uma fase supostamente não científica da medicina brasileira impõe-se, nessa perspectiva, como decorrência de sua visão estrutural que *a priori* previa uma homologia entre a estrutura social e as instituições médicas do Império, “[...] reprodutoras de uma forma pré-capitalista de visão de mundo e de dominação social [...]” (LUZ, 1982, p. 129). Na mesma linha de argumentação reprodutivista encontra-se Juan César Garcia (1989), cuja tese sustenta que as dificuldades de implantação desse científico mais formal no Brasil do século XIX eram decorrentes do fato de que “[...] os problemas da transformação da energia humana não eram considerados importantes [...], porque a força de trabalho era abundante e o que se impunha era estudar as doenças que diminuía a quantidade de trabalho que se prestava por unidade de tempo [...]” (GARCIA, 1989, p. 142).

Não obstante o mérito de explorar novos modelos interpretativos sobre as relações entre a medicina, a sociedade e a civilização, a utilização de princípios explicativos muito gerais, pleiteantes de uma ciência pela ciência, e, portanto, de uma certa neutralidade conduziu estes autores a sujeitar a pouca documentação pesquisada às exigências de uma interpretação totalizadora. Sem estabelecer, no entanto, novas evidências empíricas, estes trabalhos revisionistas, muitas vezes iconoclastas, serviram-se dos mesmos marcos cronológicos levantados pelos estudos pioneiros.

Em vez de uma refutação da tese estabelecida pela historiografia clássica, no entanto, nesses trabalhos, foram articuladas analiticamente, de um modo diverso e atomizado, os termos do corte seletivo, do que mereceria crédito, e do que não deveria ter valor, isso permitindo afirmar que, reproduzindo de forma acrítica a demarcação positivista, evolucionista e determinista essas produções, apesar de médicas, deslocaram para um segundo plano a medicina, para colocar no centro do debate as preocupações com o processo civilizatório.

Theses Doutorais: locuções concretas da ideologia

Nesse texto, tomamos o conceito de ideologia, com base nos estudos de Karl Marx e Friederich Engels, na *Ideologia alemã* (2007). Nessa obra Marx e Engels defendem repetidamente que “[...] a consciência não pode ser mais que a existência consciente, e a

existência dos homens é seu processo efetivo de vida [...]” (p. 29). Assim, são os homens que, ao ampliar sua produção material e suas relações materiais, modificam, junto com sua existência real, seu pensamento e os produtos de seu pensamento, não sendo, portanto, “[...] a consciência que determina a vida, senão a vida que determina a consciência [...]” (p. 28-29). Alguns anos mais tarde, o mesmo Marx insistirá, com uma breve variação, nessa ideia, destacando assim a importância deste princípio em sua concepção geral: “[...] o modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual [...]” (p. 29).

A sofisticada inversão teórica proposta por Marx e Engels nos impele a esclarecer que tal proposição não pode ser enxergada de forma mecanicista.

Não se trata de uma determinação total qual ocorre com a existência tendo seu correlato direto e imediato na consciência. Não se tratará de que cada elemento da consciência tenha seu equivalente, uma “causa” particular, na existência. Tal interpretação do princípio seria absolutamente inconseqüente com a concepção totalizadora que o materialismo tem sobre a existência. Assim, mediria a existência e, ademais, se retornaria ao dualismo em que a existência e consciência são de algum modo, mundo à parte, só que agora vinculado por um princípio de causalidade. O modo como se deve entender esta determinação depende da concepção da existência como totalidade completa. (DIAS, 2013, p. 4).

Chegamos ao limiar da teoria marxista da ideologia, em que essa se coloca enquanto inversão da realidade. Considerando-se, preliminarmente, que a ideologia representa uma “falsa consciência”, esta falsa consciência segue sendo uma expressão da existência. Apresenta-se, assim, uma aparente antítese. Por uma parte, a ideologia deforma a realidade, a adulteração na consciência; por outra parte, expressa tal realidade; desse modo, o conteúdo ideológico apresenta uma captação da realidade; não se crê a partir do nada; mas ao mesmo tempo, por seu intermédio o objeto é distorcido, ocultado e negado. Essa antítese a respeito da ideologia e o duplo aspecto que encerra – a captação do real e adulteração dele – requer aprofundar mais a natureza das formas ideológicas. Como é possível que na ideologia se deem ambos os aspectos? Ele explica, como já mencionamos, que o adulteramento que a ideologia apresenta não é exclusiva criação de uma realidade, mas uma inversão da realidade.

A ideologia é a inversão – a consciência de que os homens são realmente – de sua realidade social. Assim, Marx e Engels entenderam a natureza da ideologia, comparando o processo que ela se dá com a inversão dos objetos na câmara escura e, além do mais, a inversão ideológica não é um fenômeno arbitrário da vida humana. Para ambos, uma das formas de inversão que mais diretamente expressa esta transformação ideológica é a de que se realiza entre consciência e existência humanas.

Tal forma podendo ser analisada com base na crítica que Marx e Engels fizeram da filosofia alemã pós-hegeliana, a qual efetuava uma inversão muito análoga a dos objetos na retina. Esta filosofia pretendia explicar o desenvolvimento histórico pelo desenvolvimento da consciência e a evolução das ideias que era o espírito reto de cada época, daí Marx e Engels dizerem que tal filosofia “desce do céu a terra”. Neles, a formação ideológica (moralidade, religião, metafísica etc.) tem a aparência de existir autonomamente. Todavia, a ideologia tem um papel político que consiste em tentar impor ao conjunto da sociedade um modo de vida.

Entendemos que a forma de inversão que acabamos de analisar, reitera o pressuposto de que a consciência, que tem sido projetada ao passado, pode ser considerada por outro ângulo. Um ângulo que põe em relevo as estruturas econômico-sociais que se projetam nesse passado. Tais ilações cremos, permitiriam chegar há um mais exame específico da ideologia do capitalismo, pois, é no capitalismo, em seu modo de produção alienada que mais fortemente reificadas

Decerto que os quadros sociais de memória da FAMEB, enquanto expressão concreta de uma ideologia emergente – e que buscava ir além das formas prototípicas de capital e usura, antes existentes –, não poderiam prescindir de inversão, e talvez isso nos ajude a entender, por que os acadêmicos da FAMEB chegaram ao ponto de evitar temas vinculados às questões de saúde. Invertidas, portanto, essas theses doutorais precisavam de locução objetiva, de difusão.

Dentro do espaço da FAMEB, espaço aqui entendido como o quadro privilegiado das experiências dos grupos de alunos da Academia baiana, que se organizaram na defesa da civilização e do cientificismo produzindo theses doutorais que expressam o prestígio atribuído à modernização, a ideia é que os grupos de agentes que se organizaram dentro da Academia baiana, aquinhoaram laços sociais suficientes e que, além disso, compartilharam compromissos políticos que estão associados à defesa de interesses em comum. Nas theses doutorais esses interesses estão expostos de modo patente.

Ademais, a historiadora Kátia Queiróz Mattoso no livro *Família e sociedade da Bahia no século XIX* (1988) já havia abordado o assunto e sustentado a ideia que bastava se deter um pouco na famosa *Sala dos lentes catedráticos* dessa faculdade, para percebermos os indícios dessa coesão grupal, pois, no estudo da árvore genealógica dos membros da FAMEB, perceberemos duas importantes questões: primeiro, os acadêmicos da FAMEB pertencem às famílias mais importantes da Bahia; e, segundo, coadunando com isso, essas famílias são também as mais ricas do Estado até hoje. Além disso, foram esses grupos que parametrizavam as noções do que é “moderno” prescindindo, até mesmo, das ideias sobre a saúde.

O papel que as theses doutorais parecem assumir, então, dentro da perspectiva de um grupo social que ocupa um espaço, também social, como é o caso da FAMEB, é quem determina a produção científica dessa escola. Nessas theses doutorais, os acadêmicos agem visando evocar teorias e conclusões para conceber uma sociedade vivente e material. Formam os quadros sociais de memória que não se resumem a apenas evidenciar sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais dos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB, mas se voltam para expressar o que estes profissionais guardam ou contêm de coletivo.

Destarte, desde a elaboração desses primeiros trabalhos, o que pudemos verificar por meio da análise desses documentos foram “desvios de rota” no interesse por assuntos como o racismo, por exemplo – negligenciado em prol do investimento teórico no discurso sobre a necessidade de regulamentação –, e, ao mesmo tempo, o esforço de reiteração do debate sobre a regulamentação social, o desenvolvimento e a educação, que põem em relevo a unificação dos interesses desse grupo científico, isso sendo testificado a partir do momento em que constatamos que, quando um acadêmico se inclina para um determinado tema, todos parecem querer acompanhá-lo.

Instando, portanto, o apelo em prol da mudança dos costumes e da civilização, o que se observa nas theses doutorais é a invocação por parte dos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB do estabelecimento de um padrão rigoroso de convenções sociais que pudessem ser estendidas a toda sociedade, que a organizem, definindo assim, quem comanda e quem “precisa” ser comandado. Talvez esse “desvio de rota” ajude a entendermos por que esses acadêmicos optaram pela promoção de um certo grau de negligência relativo às questões da saúde. Os candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB emitiam impressões sobre a dança do maxixe, o luxo, o ciúme, a preguiça, o comportamento adequado das mulheres em bailes, emitiam impressões sobre a postura social contrita que, na impressão dos acadêmicos deveria ser assumida pelos padres e frades, procuraram definir quem eram os homossexuais.

Destacamos, por exemplo, como o médico Antônio Joaquim de Sampaio, autor da these doutoral *Da inconveniência da liberdade illimitada no exercício da prostituição* (1912), define quem é homossexual, deixando escapar impressões fortemente marcadas pelo moralismo religioso.

Querem muito cedo se parecerem com raparigas, teem logo necessidade de submeterem-se passivamente, se exaltam e se entusiasmam pelos romances e pelas *toilettes*, procuram fazer trabalhos femininos. Consideram-nas como amigas, começam a imitar os seus gestos, são de um sentimentalismo banal e amam loucamente o luxo. Raspam os bigodes e todos os cabellos do corpo, procuram sempre vestes que ponham em

relevo as curvas de suas nádegas e finalmente, se apaixonam por indivíduos do mesmo sexo. (SAMPAIO, 1912, p. 5).

No contexto desses quadros sociais de memória encontramos “respostas” mais objetivas a uma questão referente ao conflito entre o moralismo religioso cristão, o conhecimento *científico* e as ideias civilizatórias, e há tempo, enfatizamos que o espaço onde elas se apresentam – as theses doutorais – não expõe pontos de partida. Quando assentimos, por exemplo, que os *savants positifs* ajudaram a instaurar as lembranças que se traduzem na formação de quadros sociais de memória do grupo de acadêmicos da FAMEB, concordamos tanto com a antecedência desses quadros sociais, quanto com o processo de sua construção, motivo pelo qual trabalhamos com base na observação empírica e na abordagem interpretativista dos processos civilizacionais que tomam conta da cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX.

É importante, no entanto, reconhecer que, apesar de afirmarmos que a memória se ampara em quadros sociais de memória e nem os quadros sociais podem existir se indivíduos não mantêm vínculos pessoais entre si, jamais nos identificamos com aqueles que pensavam ser possível associar o estudo da memória exclusivamente à investigação de redes de interações sociais. Em nossa compreensão, ela se instaura dialeticamente no indivíduo e na coletividade, sendo constituída pela combinação de rememorações individuais que se recompõem formando uma imagem do passado que, por sua vez, se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes da sociedade (HALBWACHS, 2004).

Considerações Finais

Retomando, então, da tese central de Halbwachs – “[...] a memória significa fundamentalmente reconstruir um passado a partir dos quadros sociais do presente [...]” (2001, p.97) – interrogamo-nos sobre a capacidade desta expor “a realidade.” E mais que isso, questionamo-nos sobre o que classificamos como “ambiguidade” da memória coletiva, pois, consideramos se, de um lado, a memória corrobora a explicitação de certas características das identidades, mormente as referidas ao grupo; de outro lado, ela também expõe violências, exclusões, afetividades ressentidas que levam a conflitos, os quais põem em relevo as contradições sociais, sendo por esse aspecto que ela se aproxima da ideologia. A ideologia que, aliás, confere a aparência de sancionar e o que pode se tornar memorável.

O nível de ecletismo e o esforço em prol da neutralização do conteúdo ideológico da ciência das theses doutorais da FAMEB, ao contrário de promover o distanciamento entre as

análises circunstanciadas das relações que se teceram entre o conhecimento científico e aquela sociedade senhorial, as aproximaram. Diferentes e superficiais conjunturas foram assim demarcadas, iluminando-se as articulações entre os conhecimentos laicos, moralizadores e as práticas médicas. Em contraste com a tendência europeia dominante no mesmo período, embora ambas estivessem marcadas pela *démarche* das metateorias positivistas, evolucionistas e deterministas, não se encontram, aqui nas theses doutorais da FAMEB, aquelas sínteses que apresentam as contribuições médico-científicas originais mais ou menos dispostas como uma marcha progressiva do intelecto humano. Isto porque raras e periféricas, foram às contribuições dos médicos da FAMEB inspiradas, não no esforço do rigor metodológico, que chega mais tarde pela via do método experimental, mas inspiradas na volatilidade do relacionamento entre o moralismo e a ciência, que penetra na FAMEB como uma moda, um *élan* só acessível e compartilhado pelos *savants positifs*.

Interrogamo-nos decerto, mas chegamos ao ponto de, pela via da análise, considerar que “a consciência não está jamais fechada sobre si mesma” (VECCHIA, 2011, p. 7). Tomando as lembranças da memória coletiva que se ampara nos quadros sociais de memória, destarte como ponto de referência, então, nos deixamos persuadir por um movimento que se inclina a entender a memória e os quadros sociais de memória que se configuram dentro dela enquanto possibilitadores de uma aproximação com a leitura da realidade. Nessa linha de pesquisa não há meios de perceber as relações sociais como que pudessem ser limitadas ao mundo da pessoa. Pelo contrário, depreendemos que elas perseguem o pessoal, sim, mas um pessoal composto, instaurado nas instituições sociais, nas quais a memória do indivíduo depende de uma série de injunções relacionadas com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim com grupos de convívio e grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Durante suas trajetórias dentro da FAMEB, portanto, podemos dizer que acadêmicos do curso de medicina e *sciencias* médico cirúrgicas formaram quadros sociais da memória na medida em que não só frequentaram a Academia, mas foram à escola, a lugares de trabalho, frequentaram grupos religiosos, espaços de lazer, ou mesmo quando permanecem com suas famílias. Esses quadros sociais de memória, tudo indica, estando em contínuo movimento e reestruturação, compõem-se de inúmeras experiências. Consideramos, por isso mesmo, a existência de várias representações coletivas, conflitivas e em mudança, relativas a diferentes grupos, por meio das quais indivíduos se socializam e constituem suas identidades e memórias ao longo de suas vidas. Podemos, diferentemente de Halbwachs, considerar estes múltiplos quadros sociais de uma forma menos rígida, ou seja, pensá-los sempre em contínua transformação, bem como sujeitos a múltiplas apropriações segundo tensões e conflitos inerentes à sociedade.

Recebido em: 31/03/2016**Aprovado em: 13/05/2016****NOTAS**

1 As theses doutorais são documentos que resultavam das exigências de conclusão do curso de Medicina. As theses doutorais se assemelhavam às monografias atuais, com a diferença que no tempo em que foram produzidos, esses documentos precisavam conter de uma a três 'ideias novas' para cada uma das cadeiras do curso e que, não necessariamente, precisavam ser desenvolvidas, daí advindo à nomeação 'these'.

2 Intelectuais.

3 Denominações: Escola de Cirurgia da Bahia (1808); Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891); Faculdade de Medicina da Bahia (1901); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965).

4 Collecção de Leis do Império 1808. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/discover>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

5 Em 1831, foi lançada a primeira publicação médica do Brasil: os Seminários de Saúde Pública, da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (posteriormente transformada em Academia Imperial de Medicina), os quais deram origem aos Anais da Academia Nacional de Medicina, editados até os dias atuais. Mas, a primeira revista médica brasileira, estritamente voltada às publicações científicas, foi a Gazeta Médica da Bahia (GMB) que teve como seus fundadores sete ilustres médicos da cidade da Bahia e o estudante de Medicina Antonio Pacífico Pereira. Desse núcleo primacial da GMB, o Dr. Otto Edward Henry Wücherer foi o que mais contribuiu com novos conhecimentos, especialmente sobre a ancilostomíase e os oídios, e, de forma fundamental e inovadora, ao descrever a filaria em pacientes com "hematúria intertropical".

6 O termo hipostasia é usado para descrever como Deus Filho, Jesus Cristo, tomou para Si a natureza humana, ao mesmo tempo permanecendo 100% Deus. Jesus sempre foi Deus (João 8:58; 10:30), mas na encarnação Jesus se fez carne – Ele passou a ser um ser humano (João 1:14). A adição da natureza humana à natureza divina resulta em Jesus, o Deus-homem. Essa é a união hipostática, Jesus Cristo, uma Pessoa, 100% Deus e 100% homem. As duas naturezas de Jesus, humana e divina, são inseparáveis. Jesus vai ser para sempre Deus-homem, 100% Deus e 100% homem, duas naturezas distintas em uma Pessoa. A humanidade de Jesus e a Sua divindade não se misturam, mas se unem sem perderem suas identidades separadas. Jesus às vezes vivia com as limitações de humanidade (João 4:6; 19:28) e outras vezes com o poder de Sua divindade (João 11:43; Mateus 14:18-21). Nos dois casos, as ações de Jesus foram de Sua única Pessoa. Jesus tinha duas naturezas, mas só uma pessoa ou personalidade. A doutrina da união hipostática é uma tentativa de explicar como Jesus pode ser os dois: Deus e homem ao mesmo tempo. É, na verdade, uma doutrina que somos incapazes de compreender totalmente. É impossível para nós entendermos totalmente como Deus trabalha. Nós, como seres humanos finitos, não devemos supor que podemos compreender um Deus infinito. Jesus é o Filho de Deus por ter sido concebido pelo Espírito Santo (Lucas 1:35). Mas isso não significa que Ele não já existia antes de ser concebido. Jesus tem sempre existido (João 8:58; 10:30). Quando Jesus foi concebido, Ele se tornou um ser humano em adição ao fato de ser Deus (João 1:1,14).

7 Sistema médico galênico que consistia principalmente em subordinar os fenômenos da saúde e da doença à ação de quatro humores: o sangue, a bília, a fleugma e a atrabílis.

8 Fugindo de abordagens anacrônicas, que procuram entender os eventos do passado segundo as premissas do presente em relação ao certo/errado, sucesso/fracasso, Louis Pasteur trata de entender, no seu contexto histórico, os elementos sociais, políticos, econômicos e de relações interpessoais que, como molduras, nos permitem um vislumbre mais apurado do quadro de uma época e de um tema contextualizado. Jogam neste cenário vários elementos analisados por Benchimol.

9 O assepsismo comporta o higienismo e a eugenia, além de absorver também, a Medicina Legal, a Psiquiatria e estudos sobre as doenças nervosas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: A política imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume Dumará, 2012.

EDLER, Flávio Coelho. *A medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

FERNANDES, Florestam. *A revolução burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GARCIA, Juan César. Análise da educação médica na América Latina. In: NUNES, Everardo Duarte (Org.). *Juan Cesár García, pensamento social em saúde na América Latina*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 169-179.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Campinas: Centauro, 2003.

_____. *Los cuadros sociales de memoria*. Barcelona, Antrophos, 2004.

JIMICA, Camilo José. O desenvolvimento da lógica da essência e a reflexão ponente em Hegel. publicado na Revista Kriterion. 2014. No prelo.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e Ordem política brasileira*. Políticas e Instituições de Saúde e Sociedade. Editora Graal. Biblioteca de Saúde e Sociedade, v.9, 1982.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MATTOSO, Kátia Queiróz. *A família e sociedade na Bahia do século XIX*. Salvador: Editora Corrupio, 1988.

MONTESPERELLI, Paolo. *Sociología de la memoria*. Buenos Aires, Nueva Visión, 2004.

NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*, 1947 Rio de Janeiro: Mendes Junior, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1991.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória, a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. *Revista da Casa de Geografia de Sobral* – Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/77>>. Acesso em 24 mar. 2016.

STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”: Raça, gênero e nação na América Latina. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, maio/ago. 1976.

VECCHIA, Maria José Souza Gerlack. A importância do conceito de memória coletiva ou social na visão das ciências sociais. *Revista Tavola Online*. Instituto de Pesquisa em Memória Social, Porto Alegre, vol 1, nº 1, out. 2012 - Disponível em: <http://nucleotavola.com.br/revista/2011/07/04/a-importancia-do-conceito-de-memoria-coletiva-ou-socialna-visao-das-ciencias-sociais/>. Acesso em 20 de dez. 2015.